



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7517 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

VOZES DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE UMA FORMAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO E CUIDADO DE SI E DO/A OUTRO/A

Sandra Regina Alexandre - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

VOZES DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE UMA FORMAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO E CUIDADO DE SI E DO/A OUTRO/A

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma construção social e é nela que as formas de ser, viver e dar significado à realidade se concretizam. O ambiente escolar é o lugar da elaboração da linguagem, por isso há de se ter um zelo maior para que esse fenômeno aconteça de forma a não criar tabus, preconceitos, discriminações. Ainda, por outro lado, também, o fenômeno do silenciamento sobre alguns assuntos dentro da formação de professores, acaba por fortalecer o processo de estigmatização de corpos que não se enquadram nos moldes estabelecidos por nossa sociedade. Sabemos que a educação patriarcal, a qual a nossa sociedade foi - e ainda é - fortemente submetida se reflete nas mais diversas áreas de relacionamentos sociais, e na escola não é diferente.

É frequente termos professores que se sentem em conflito, desconfortáveis, inseguros, despreparados ao se depararem com situações de discriminações de gênero, por exemplo. Enviar estudantes para a diretoria, em situações conflitantes, como forma de resolução, continuará não contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre questões ligadas à sexualidade humana. É necessário refletir, discutir, entender!

Assuntos sobre sexualidade fazem parte do dia-a-dia do estudante, tais como música, redes sociais, livros, bate papo entre amigos. Esquivar-se, omitir, ignorar assuntos relacionados a este tema são posicionamentos inadequados ao exercício da construção de uma formação crítica, cidadã consciente.

Pensando a partir dessa ideia, o Projeto “Oficinas de sexualidade, gênero, cuidado de si e do/a outro/a em escolas da educação básica”, vinculado ao Programa Permanecer, da

Universidade Federal da Bahia - UFBA, tem como intuito possibilitar a formação de docentes para lidar com questões voltadas a discussões sobre sexualidade e suas ramificações, norteando professores para tratar de forma contextualizada sobre temas que historicamente foram escolhidos para serem ocultados no ambiente escolar.

Dentro desta mesma perspectiva, o projeto também se dispõe atuar junto a docentes já formados, na modalidade de formação continuada, que por questões sócio curriculares não se veem preparados, habilitados no tocante ao tema sexualidade. Nosso projeto contempla oficinas durante o ano letivo. Nessas oficinas sobre sexualidade, que são ministradas por nossos/as formandos/as, ter o professor regente como, colaborador, lhe oportuniza uma prévia formação continuada, participando de nossos estudos, produzindo suas reflexões ampliando seu olhar sobre o tema, restabelecendo valores e formas de como lidar, abordar tal assunto de forma tranquila e segura.

METODOLOGIA

O Projeto tem seu desenvolvimento nos espaços físicos da UFBA e em escolas da rede pública de ensino de Salvador. Também conta com um espaço virtual na plataforma digital Moodle, onde são postadas atividades, resumos e materiais relacionados aos encontros referentes às Oficinas de sexualidade, gênero, cuidado de si e do/a outro/a em escolas da educação básica.

Fazem parte desse processo professoras/es em formação, e professoras/es atuantes, colaboradoras/es, coordenação, e graduandos de licenciatura. Esses encontros são realizados quinzenalmente sendo que nos últimos meses tais reuniões estão sendo realizadas virtualmente face a pandemia causada pela COVID-19. Nos referidos encontros são utilizados artigos, textos e vídeos que discorrem sobre temáticas relacionadas à sexualidade com ênfase na educação.

Entendendo que para sermos capazes de desconstruir toda uma criação familiar em moldes patriarcais e uma educação escolar reduzida, abordando o tema sexualidade somente como controle preventivo, associando seus assuntos, tão somente à doenças, disseminando medo, reforçando tabus, crenças distorcidas, estigmatização, necessitamos de uma formação que estimule a aprendizagem cognitiva, evidenciando a composição de um novo conhecimento atrelado ao conhecimento corrente, ao invés da reprodução do que foi transmitido, para que seja feito de forma ética, com consciência e também profissional.

Para nos ajudar a pensar essas questões, recorreremos à NUNES (1997), que, ao discorrer sobre sexualidades e educação sexual a partir de uma perspectiva histórica e antropológica, indica que:

[...] a escola é um espaço também de crítica sobre a sexualidade estabelecida e o laboratório das novas significações e vivências. Não de maneira superficial de como vem sendo feita, empirista, biologista, informativa e outra vez diretiva. Muitas escolas acreditam que fazem “educação sexual”

por permitir que um padre ou um médico uma vez por ano fale sobre “Sexo e amor”, “Métodos anticoncepcionais e aborto”, “Aparelhos reprodutores masculinos e femininos”. (p.17).

Refletindo acerca das ideias de César Nunes, compreendemos que nesses tipos de educação sexual que foi evidenciados pelo autor, no contexto dos anos da década de 1990, não existia um diálogo que tornasse a abordagem da sexualidade um assunto que refletisse a realidade social que estamos inseridos, e que fosse capaz de trazer discussões coletivas e individuais com as crianças e adolescentes combatendo assim diversas formas de discriminação e preconceito de si mesmo e para com os outros. Infelizmente, alguns desses modelos ainda estão presentes, nos dias atuais. Por tanto tem-se a necessidade da formação docente para que os/as mesmos/as construam uma percepção eficaz, e sejam capazes de discorrer sobre a temática da sexualidade conforme os cenários que forem surgindo diminuindo a interferência de censuras morais.

Assim, durante os encontros, as atividades de formação baseavam-se em discussões no sentido de analisar e compreender a sexualidade dentro de um contexto social amplo, levando em consideração a diversidade e a interdependência entre os indivíduos.

Sempre embasados através da leitura de artigos e obras de referência, que estudam e trazem as questões e implicações da discussão da sexualidade no âmbito escolar. Além de trazer situações cotidianas locais, análise de produções veiculadas pela mídia televisiva, internet e redes sociais.

PERCEPÇÃO DE PROFESSORA E FORMANDAS

Voz 1 – docente de inglês da rede municipal de ensino fundamental anos finais.

Enquanto professora da escola pública há algumas décadas, nunca me interessei pelo tema sexualidade, pelo simples fato de não perceber o quão abrangente este tema se desvela. Até, então, questões sobre o assunto estariam mais condizentes aos docentes das Ciências Naturais. Em situações de discriminação entre alunos, em sala de aula, esses eram, via de regra, “mandados/as para a diretoria”. Afinal, sou professora de língua inglesa e não sexóloga ou professora de Ciências. Acredito que da mesma maneira que aconteceu comigo, pode estar acontecendo com vários/as colegas de docência.

Depois de vários encontros, discussões, reflexões sobre a temática sexualidade, tendo como fio condutor a obra Estigma do Passivo Sexual - Um Símbolo de Estigma no Discurso Cotidiano, de Michel Misse, em que o autor nos oportuniza verificar a prática machista e desigual entre gêneros, veio a oportunizar-me uma visão mais abrangente sobre o tema e consequentemente dando-me conta que sexualidade não é falar de sexo, mas para além:

Não é novidade que a posição social da mulher, quanto ao desempenho de papéis sexuais (abstraindo-se os papéis econômicos, políticos etc.), tem sido subalterna à do homem em todas as sociedades fundadas pelo *ethos* de “rejeição religiosa do mundo”, como é o caso do judaico-cristianismo predominante nas chamadas “civilizações ocidentais”. É reconhecido também que há, nestas civilizações, uma predominância do “objeto sexual” na qualificação social da mulher, o que nem sempre ocorre nas chamadas “civilizações do Oriente”. O mito da “inferioridade biológica” da mulher é desconhecido em muitas sociedades do passado e até hoje em algumas sociedades tribais. Parece ocorrer, nas “civilizações ocidentais”, uma vinculação básica entre este mito “biológico” e o papel social da mulher, como assinala Beauvoir ao conceber a mulher como um “segundo sexo”, forçado a ocupar o que na sua opinião corresponde a uma casta separada na sociedade (MISSE, 2005 p. 22-23).

Discutir sexualidade permite a construção de linguagem respeitosa entre os seres, e como educadora, me dou conta, de que devo viabilizar essa linguagem de forma mais consciente, tranquila e empática, evitando a estigmatização estrutural em nossa sociedade para as próximas gerações. Fazer parte desse projeto de “OFICINAS DE SEXUALIDADE, GÊNERO E CUIDADO DE SI E DO/A OUTRO/A NA EDUCAÇÃO BÁSICA” significa ser paciente e agente de uma relação de respeito dentro da diversidade cultural que somos participantes.

Voz 2 - estudante de licenciatura em Desenho e Plástica - Artes Visuais na Universidade Federal da Bahia (UFBA):

Levando em consideração essa característica do ser ativo/passivo, irei desenvolver a partir daqui a minha experiência como iniciante na formação de professores. Sendo assim, ao participar das oficinas me interessei fortemente pelas discussões e assuntos relacionados à diversidade, mantendo o meu recorte e foco em desigualdades de gênero relacionadas ao feminino, pois quero compreender o meu espaço como mulher, artista e professora em formação, investigando estratégias de ação.

Pensando a escola como um lugar de conflito e negociações, a abordagem da sexualidade de maneira ampla e contextualizada passa a ser um direito inerente ao aluno visto que esses jovens em formação possuem em seu arcabouço teórico inicial sobre Educação Sexual, muito do que se divulgam em contextos eletrônicos: internet e mídias sociais. Ou seja, informações que os desnorream e confundem pois buscam alimentar a indústria do apelo sexual, extremamente voltada para as premissas do capitalismo. Distanciando essas questões do currículo escolar e dificultando esses processos de desenvolvimento amplo do assunto.

Então, estabeleço como necessário enxergar a pertinência desses assuntos para a formação de meninas e meninos visando a conquista de suas autonomias e construção de um ser pleno e capaz de decidir sobre o próprio corpo e suas escolhas, levando em conta a validação de uma orientação clara sobre sexualidade, tema que está presente cotidianamente nas relações sociais estabelecidas por esses jovens. A verdade é que todas as alunas e alunos conversam sobre sexo, mas muitas vezes não possuem essa “permissão” para discutir, pesquisar e debater com seus pais, parentes e professores de maneira aberta e tranquila.

Essa proibição nos alerta sobre o quanto o assunto convive com nossas inquietações pessoais visto que o mesmo, na sociedade Ocidental, não somente nos forma, mas possui a capacidade de expor, principalmente alunas, que podem ser consideradas “sujeitos estigmatizados”. Aqui, compreendo estigma exatamente como em seu conceito puro: dor, cicatriz. Seja pela linguagem chula das relações sexuais vivamente presente nos corredores, pátios e salas de aula, bem como a construção da “vergonha” que se dá pela exposição de questões que, a princípio, deveriam ser tratadas como íntimas e privadas.

Em minha percepção a formação continuada do PROJETO PERMANECER nos oferece debates e leituras durante as reuniões, em encontros quinzenais, que oportunizam o fortalecimento e discussões do processo de aprendizagem do professor que vai estar em sala de aula futuramente lidando com assuntos que estão tão distantes da realidade escolar, no sentido do currículo.

As reuniões e encontros me orientaram para pesquisas e leituras relacionadas à tríade arte, sexualidade e o feminino, de modo que me fez conhecer um pouco mais sobre a pedagogia feminina, a qual possui estratégias de “empoderamento” que na argumentação de Sandell, (1991) alguns objetivos dessas estratégias seriam “remover opressões de gênero”, “fomentar empoderamento e lideranças”, “oferecer aos professores de arte um tipo de libertação”.

Dessa forma, a partir da formação de professores, decidi acolher para o estilo das minhas futuras aulas, maneiras de buscar a conscientização, a libertação ou a transformação dos indivíduos e da sociedade com foco no sujeito estigmatizado feminino. Como pode ser visto em Foucault, “sempre é possível ver de outro modo, o nosso olhar é histórico e localizado em determinadas condições de visibilidade.” (FOUCAULT apud LOPONTE, 2005).

Voz 3 - licencianda em Ciências Naturais

Para os novos tempos já não cabe mais uma Educação Sexual voltada somente para a biologia e a prevenção da gravidez e IST. Com essa abordagem padronizada e muitas vezes geradora de alguns medos, só reforçava o tabu diante do tema, e o distanciamento dos adolescentes. Mas, estamos começando a construir uma nova maneira de lidar com algo tão importante para a construção de indivíduos que se reconheçam e respeitem seus corpos, assim como os dos outros.

Diante desse contexto como nós licenciandos iremos lidar com uma educação sexual acolhedora, esclarecedora e capaz de atingir as dúvidas e incertezas individuais de cada estudante, se ainda trazemos conosco o reflexo daquele professor(a), que para tratar do tema trazia como escudo um livro com figuras nas quais poucos nos identificávamos e conceitos que nos faziam sentir medo dos nossos corpos e uma certa aversão dos sentimentos e sensações que surgem nesse período de nossas vidas? Daí a importância dos nossos encontros e atividades realizadas dentro da Formação em Sexualidade, que nos ajuda a desconstruir conceitos, compartilhando experiências, discutindo situações que surgem no dia a dia, levando em conta todo o panorama que envolve a educação sexual dentro da escola. E para além disso, como futuras professoras a Formação em Sexualidade nos traz um auto reconhecimento, que nos ajuda nas nossas relações pessoais como indivíduos comuns inseridos na sociedade, e ao mesmo tempo aptos a estar na sala de aula abertos para tratar, orientar e aconselhar os nossos alunos diante de qualquer tema ou situação que envolva a

questão da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a temática sobre sexualidade vem sendo trabalhada de forma tímida, superficial e, por vezes, equivocada, pressupomos ser de vital importância a preparação de formandos/as e docentes em atingir uma visão mais abrangente daquilo que o tema trata, dando ferramentas reconhecendo a importância da prática pedagógica no ambiente escolar. Uma vez que o objeto desta abordagem pode proporcionar mudanças de posturas equivocadas, assim como, quebra de paradigmas, e, também o reconhecimento de preconceitos absorvidos pela sociedade da qual fazemos parte.

Sendo a abordagem sobre sexualidade uma forma de enfrentamento e resistência no campo escolar, pois nela se pretende provocar mudanças nos atuais discursos, é necessária uma formação docente voltada para a diversidade, dotada de empatia e preparo para a lida de possíveis conflitos inerentes ao tema. E, assim, possibilitar diálogos contextualizados de maneira a tratar tais assuntos ainda anacrônicos para a realidade escolar.

No tocante a formação continuada, discussões em torno do tema sexualidade proporciona um pensar mais abrangente, como campo de conhecimento alcançando patamares mais elevados, que vão para além de um entendimento até então normatizado pela nossa sociedade. Estar preparado antes de entrar em sala é um diferencial que refletirá na qualidade dos materiais apresentados, debatidos, trabalhados com nossos alunos.

No cômputo geral deste trabalho, enquanto formandas, do curso de Artes Visuais e curso de Ciências Naturais, assim como docente em exercício da disciplina de Língua Inglesa, na rede pública municipal, após diversos estudos, discussões, reflexões sobre o tema sexualidade concordamos que tal estudo trará inestimáveis contribuições para a nossa prática em sala de aula, dando-nos equilíbrio, segurança, desenvoltura e habilidade para lidarmos com um tema ainda considerado tabu e que por sê-lo permanece estigmatizado.

Buscaremos suscitar, através de leituras, espaços para discussões, aplicações de atividades junto aos nossos estudantes, de uma forma sensível, respeitosa e empática; de lidar com o assunto sexualidade em seus ambientes sociais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ramon T. P. **Foucault e o cuidado de si: os caminhos prováveis de uma subjetividade contemporânea autônoma**. 2015. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Unifesp, São Paulo, 2015.

BROL, I. S.; MARTELLI, A. C. Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores e professoras da rede básica de ensino. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, v. 25, n. 1, p. 274-291, 1 ago. 2018.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. GÊNERO, EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA NAS ARTES VISUAIS. **Educação e Realidade**, Salvador, v. 30(243), n. 0, p. 244-258, dez. 2005.

Marília Alves de Carvalho, **DIZEM AS PAREDES: A ESCOLA PÚBLICA COMO ESPAÇO DE DISPUTA E NEGOCIAÇÃO DE VOZES E SILÊNCIOS**. São Paulo: Revista Educação, Artes e Inclusão, 01 jan. 2020.

MAGALHÃES, Maria José. A arte e violência no olhar: Ativismo feminista e desconstrução da violência contra as mulheres. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 89, n. -, p. 89-109, jun. 2010.

MISSE, Michel. **O Estigma Do Passivo Sexual**- Um Símbolo de Estigma no Discurso Cotidiano. 3ªed. Rio de Janeiro: Booklink, 2005. Niterói, 2016

NUNES, César Aparecido **Desvendando a sexualidade**. 3. Ed. Campinas: Papyrus, 1997.

SANDELL, Renee. **The liberating relevance of feminist pedagogy**. Studies in Art Education, Virginia, USA, v. 32, n. 3, 1991, p. 178-187.